

GEOPATRIMÔNIO DO CENTRO HISTÓRICO DA CIDADE DE GOIÁS-GO

Geopatrimony of the Historic Center of the City of Goiás - GO

Gleiciane Luiz de Oliveira

Universidade Estadual de Goiás

Cláudia Valéria de Lima

Universidade Federal de Goiás

Andrea Maciel Lima

Universidade Federal de Goiás

Vandervilson Alves Carneiro

Universidade Estadual de Goiás

RESUMO

O geopatrimônio representa a parcela da geodiversidade que possui valores excepcionais atribuídos às características científicas, educativas, estéticas e culturais. Esta pesquisa inventariou o geopatrimônio do centro histórico da Cidade de Goiás, reconhecida pela UNESCO em 2001 como patrimônio histórico da humanidade, através da seleção de geossítios e diagnóstico das rochas neles empregadas. As informações obtidas foram compiladas em um roteiro geoturístico, com o objetivo de divulgar o geopatrimônio in situ e ex situ, incentivar o geoturismo e contribuir para a sua geoconservação.

Palavras-chave: Geodiversidade; Geossítios; Rochas.

ABSTRACT

Geoheritage represents the portion of geodiversity that possesses exceptional values attributed to scientific, educational, aesthetic, and cultural characteristics. This research inventoried the geoheritage of the historical center of the city of Goiás, a city recognized by UNESCO in 2001 as a World Heritage Site, through the selection of geosites and diagnosis of the main rocks used in them. The information obtained was compiled into a geotourism itinerary, with the objective of disseminating the in-situ and ex-situ geoheritage, encouraging geotourism and contributing to its geoconservation.

Keywords: Geodiversity; Geosites; Rocks.

INTRODUÇÃO

A diversidade natural inclui a biodiversidade do planeta e os elementos abióticos. A geodiversidade ou os elementos abióticos constituem a variedade natural e os processos geracionais e transformadores dos aspectos geológicas (rochas, minerais, fósseis), geomorfológicos (geoformas, relevo, processos físicos), pedológicos e hidrológicos (Gray, 2013).

Os elementos da geodiversidade podem estar *in-situ* e *ex-situ*. Os elementos *in situ* são encontrados em seu estado natural, como um afloramento rochoso, enquanto o conjunto *ex situ* é toda a fração que passou pelo processo de retirada de seu local original, muitas vezes para aplicação na construção civil.

Brilha (2016) argumenta que, além dos elementos da geodiversidade que ocorrem *in situ*, alguns elementos, mesmo deslocados de sua localização natural, mantêm seu valor científico, educacional, estético e cultural, caracterizando a geodiversidade *ex situ*.

Destacam-se, nesse caso, as coleções de minerais, rochas e fósseis presentes em museus e universidades, bem como o patrimônio construído, que utiliza materiais geológicos em edificações, arruamentos e monumentos (Liccardo et al., 2012; Del Lama et al., 2015).

Contudo, a geodiversidade presente no meio urbano nem sempre é reconhecida como tal, sendo, na maioria das vezes, compreendida apenas como patrimônio cultural e histórico. A presença de monumentos históricos nesses espaços, que contêm elementos da geodiversidade, agrega não apenas valor cultural e social, mas também científico, pois preservam o passado geológico de um local e a história do povo que ali habita (Silva et al., 2020).

O geopatrimônio representa a parcela da geodiversidade que possui valores atribuídos às características científicas, educativas, estéticas e culturais. Ou seja, compreende uma porção da geodiversidade cuja excepcionalidade a destaca das demais, seja por critérios científicos, turísticos, culturais ou outros (Silva et al., 2018). Borba (2011, p. 07) define geopatrimônio como o conjunto dos geossítios de um determinado território, sendo que os geossítios são “[...] locais bem delimitados geograficamente e que concentram formações geológicas com um grande valor científico, estético, ecológico, turístico, cultural e educativo” (Geoparque Quarta Colônia, s.d.).

Nesse sentido, no Brasil, o geoturismo surge como um novo segmento do turismo de natureza, com a intenção de divulgar o geopatrimônio. Ele possibilita a conservação e oferece uma oportunidade de aproximação com o público, além de ser um produto turístico direcionado a pessoas motivadas por conhecimento intelectual e por atividades que envolvam aprendizado, exploração, descoberta e imaginação (Nascimento et al., 2007). Dessa forma, o geoturismo aborda o conceito de geopatrimônio de uma determinada região ou lugar não apenas como objetos de observação e apreciação, mas como elementos de compreensão e conhecimento dos processos relacionados com a evolução do planeta (Zanatto et al., 2019).

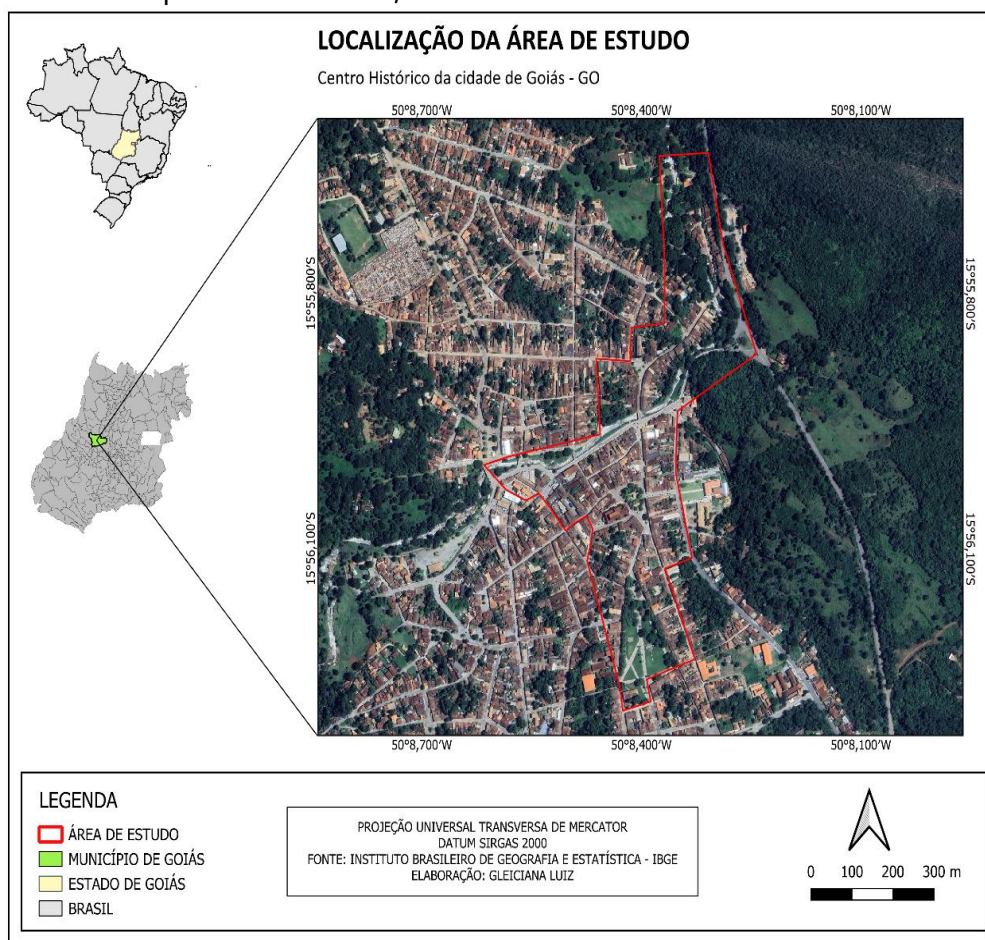
Diante desse contexto, o objeto de estudo desta pesquisa está localizado na Cidade de Goiás, que foi capital do estado de 1727 a 1937. A cidade preservou a arquitetura colonial de suas casas, ruas e de suas nove igrejas. Entre as construções, destacam-se os museus de Arte Sacra e da Bandeira, a Câmara e a cadeia, além do Palácio Conde dos Arcos, antiga residência do governador. A preservação de seus bens materiais e imateriais lhe conferiu o título de patrimônio da humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em 2001 (Governo de Goiás, 2020).

MATERIAIS E MÉTODOS

Localização e caracterização da área de estudo

A Cidade de Goiás localiza-se a 15° 56' 04" de latitude Sul e 50° 58' 25" de longitude Oeste, no estado de Goiás, distante 130 km de Goiânia. Antiga capital do estado, a cidade foi fundada às margens do Rio Vermelho, no período de mineração (Figura 1). Seus aspectos culturais e arquitetônicos destacam-se pelas procissões religiosas e construções históricas do Período Colonial, motivo pelo qual, em 2001, tornou-se patrimônio histórico mundial reconhecido pela UNESCO (IPHAN, s.d.).

Figura 01 - Mapa de localização da área de estudo.



Fonte: Autores (2024).

O Centro Histórico da Cidade de Goiás insere-se no domínio de duas unidades geológicas: a Formação Manoel Leocádio, pertencente ao Grupo Goiás Velho, e a Sequência Serra do Cantagalo (Pinto Filho, 2014).

Para Souza (2016, p. 15), a Formação Manoel Leocádio é caracterizada por rochas ultramáficas extensamente transformadas em serpentinitos e talco-carbonato-clorita-tremolita xistos, com proporções variadas desses minerais. Ainda de acordo com o autor, essa formação possui em média 600 m de espessura.

A Sequência Serra do Cantagalo é composta por rochas metassedimentares do período Arqueano/Paleoproterozoico. As principais rochas dessa formação são: quartzito, quartzito conglomerático, metaconglomerado, sericita-quartzo xisto, ortoquartzito, sericita quartzito e muscovita-quartzo xisto.

Procedimentos de análise

A metodologia de inventariação baseou-se na proposta de Brilha (2005). Segundo o autor, pesquisas dessa natureza indicam, respectivamente: o levantamento sistemático da área, reconhecimento prévio, trabalho de campo, registro de imagens, ficha de caracterização e referencial teórico.

Dessa forma, foram realizadas buscas bibliográficas e mapeamentos preliminares para a localização dos pontos de interesse. A seleção dos monumentos seguiu o conceito de Silva et al. (2020), onde cada local atendeu obrigatoriamente a pelo menos um dos seguintes critérios: possuir valor científico, cultural ou turístico.

Durante as demais fases, ocorreram visitas a campo para análise dos locais previamente escolhidos, das rochas e registro fotográfico. Por último, os dados foram reunidos em um roteiro geoturístico disponibilizado virtualmente para acesso por QR Code.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Geossítios

O Centro Histórico da Cidade de Goiás possui grande diversidade litológica em suas construções históricas, arruamentos e locais de visitação. A partir da análise da bibliografia e trabalhos de campo, foram identificados 14 locais contendo elementos da geodiversidade in situ e ex situ (Quadro 01).

Quadro 01 - Características dos geossítios inventariados.

GEOPATRIMÔNIO	LATITUDE	LONGITUDE	CLASSIFICAÇÃO	ROCHAS
Calçamento	-	-	Ex situ	Arenito
Museu Memorial Goiandira do Couto	15°55'49'' S	50°08'32'' O	Ex situ	Quartzito
			Ex situ	Quartzito

Igreja de São Francisco de Paula	15°56'1.51" S	50° 8' 31.00" 0	In situ	Xisto
Casa do Bispo	15°56' 1.03" S	50° 8' 31.75" 0	Ex situ	Quartzito
Museu Casa de Cora	15°55' 56.17" S	50° 8' 24.50" 0	Ex situ	Quartzito
Largo da Carioca	15°55' 39.19" S	50° 8' 20.18" 0	Ex situ	Quartzito Pedra sabão Granito gnaisse
			In situ	Metaconglomerado
Rocha da rua do trevo para Carioca	15°55' 52.34" S	50° 8' 18.52" 0	In situ	Xisto
Catedral de Sant'Ana	15°55' 52.65" S	50° 8' 23.55" 0	Ex situ	Ardósia, granito e calcário
Palácio Conde dos Arcos	15°56' 4.03" S	50° 8' 24.54" 0	Ex situ	Pedra sabão
			In situ	Pedra sabão
Chafariz da Matriz	15°56' 3.42" S	50° 8' 23.92" 0	Ex situ	Pedra sabão
Igreja da Boa Morte	15°56'05'' S	50°08'23'' 0	Ex situ	Quartzito
Quartel do XX	15°56'9.19"S	50° 8'23.14"0	Ex situ	Quartzito
Chafariz de Cauda da Boa Morte	15°56'12.92"S	50° 8'23.34"0	Ex situ	Pedra sabão
Museu das Bandeiras	15°56'16.31"S	50° 8'24.85"0	Ex situ	Pedra sabão

Fonte: Autores (2023).

Ruas do Centro Histórico da Cidade de Goiás

O uso das rochas na cidade, conforme observado por Tamazo (2007), pode ser classificado em dois grupos: lajes e pedras. As lajes, menos espessas, são majoritariamente utilizadas em escadarias, calçadas e pátios internos. Em contrapartida, as pedras são mais grosseiras e comumente empregadas no calçamento das ruas. As ruas de pedra da cidade compõem praticamente todo o roteiro do Centro Histórico (Figura 02), estando presentes na maioria dos geossítios descritos em sequência.

O calçamento da cidade passou por diversas modificações ao longo do tempo, e por isso nem sempre é original, devido à remoção temporária das rochas para melhorias na infraestrutura urbana. De acordo com Tamazo (2007), houve obras para instalação de rede de drenagem, adição de fiação e para o Projeto Liceu de Artes e Ofício, que teve como objetivo a capacitação de calceteiros e marceneiros (Figura 03).

Figura 02 - Ruas do Centro Histórico da Cidade de Goiás - (a) rua do Largo do Rosário e (b) rua do Largo da Boa Morte.



Fonte: Autores (2023).

Esta última intervenção foi percebida de forma negativa pelos vilaboenses, pois danificou as rochas e alterou o fluxo de escoamento de água pluvial. Em entrevista anônima, um morador relatou que a rua ‘ficou plana, muito baixa e com uma forma de colocação que não é original’ (Tamazo, 2007, p. 538).

Figura 03 - Remoção de calçamento do centro histórico para melhorias na infraestrutura - (a) remoção do calçamento para a passagem de encanamentos e (b) calceteiros.



Fonte: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, [s.d].

Por outro lado, também em entrevista à autora, técnicos que trabalhavam no local argumentaram que:

As pedras se afastam naturalmente em razão de tráfego de veículos e infiltrações pluviais, as pedras usadas originalmente já não existem mais na região e eventualmente usa-se outro tipo que tenha a mesma resistência e semelhança de textura e cor; outro fator determinante foi imposto pela enchente que carregou pedras ainda não assentadas (Tamazo, 2007, p. 539).

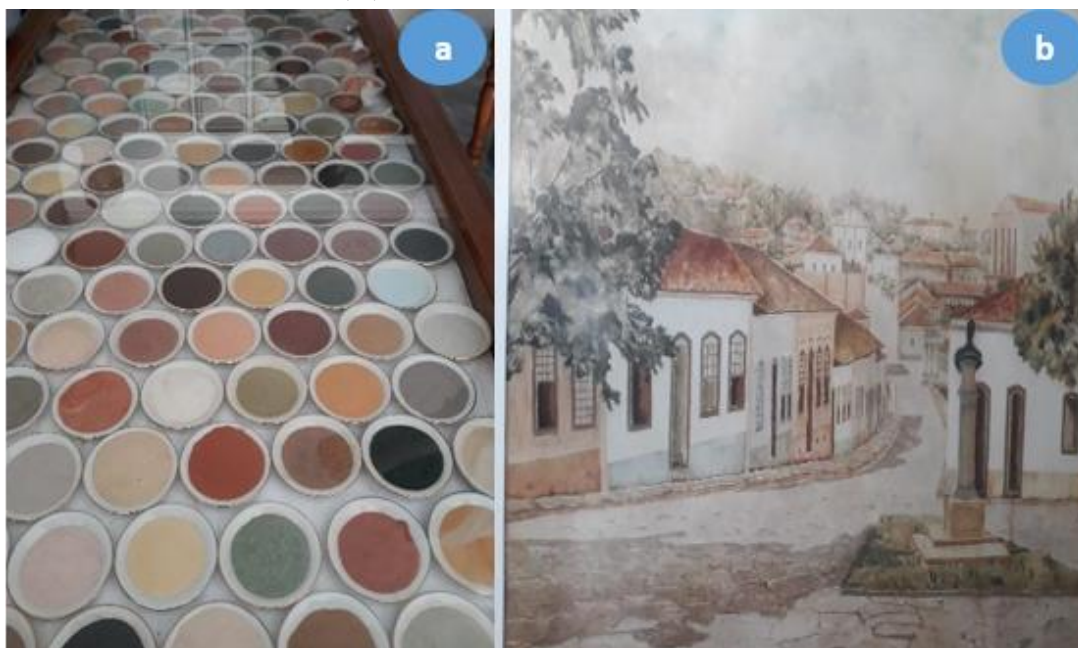
Para Lima (2008) as rochas originais eram arenitos extraídos do Morro das Lajes. Entretanto, Tamazo (2007) elucida que os técnicos a frente do projeto concluíram que era necessário o uso de gnaiss, conhecida como Pedra Marruá, para a substituição das rochas que faltavam na conclusão do calçamento.

Espaço Cultural Goiandira do Couto

O espaço é dedicado à exposição das obras de Goiandira do Couto, conhecida pelas pinturas em tela com a técnica de aplicação de pigmentos de areia. Goiandira do Couto iniciou sua vida artística com pinturas a óleo, passando a desenvolver a técnica à base de areia somente em 1967. Sua técnica baseia-se na extração de areia de rochas presentes na Serra Dourada (Barbosa, 2018).

Segundo Ferreira (2011), Goiandira do Couto colecionava diferentes tons, chegando a obter em sua coleção 551 exemplares distintos (Figura 04). De acordo com Pinto Filho (2014), as rochas utilizadas para a produção eram extraídas do Geossítio Areal, e as tonalidades se diferenciam devido à constituição mineral e à ação de fatores climáticos que interferem nos quartzitos do local.

Figura 04 – Acervo do Espaço Cultural Goiandira do Couto - (a) coleção de areias coloridas e (b) pintura em tela feita com areias coloridas.



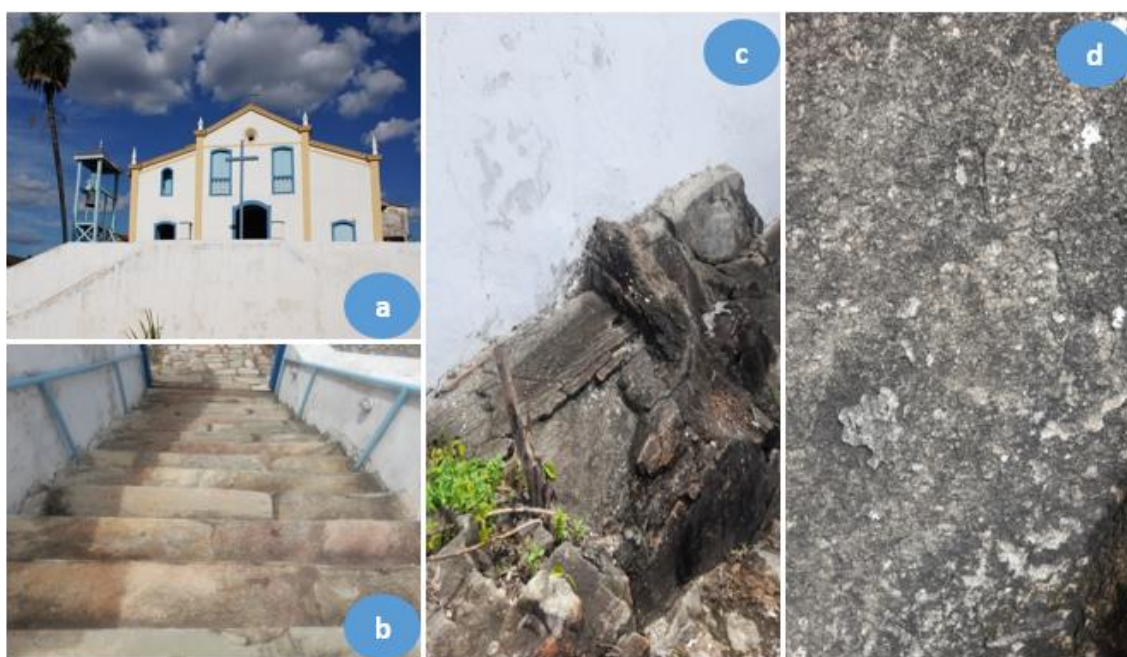
Fonte: Autores (2018).

Igreja de São Francisco de Paula

Edificada em 1761, esta igreja possui grande relevância cultural, sendo o último ponto da procissão conhecida como Fogaréu. Instalada acima do nível da rua, em uma pequena ondulação às margens do Rio Vermelho, possui como via de acesso uma escadaria, seguida de uma área aberta, ambas construídas utilizando quartzito.

A Figura 05 (a) e (b) mostram a igreja e sua escadaria recoberta por quartzito. Na lateral esquerda, próximo à entrada da escadaria, observa-se que a rocha *in situ* foi mantida na estrutura da parede, integrando-se à construção (Figura 05 (c) e (d)).

Figura 05 - Igreja de São Francisco de Paula - (a) vista da igreja, (b) quartzito usado no calçamento da escadaria de acesso à igreja, (c) Rocha *in situ*, presente na lateral esquerda da igreja e (d) detalhe da rocha.



Fonte: Autores (2023).

Casa do Bispo

Conhecida desde 1984 como Casa do Bispo, a atual sede do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) possuía, em princípio, o nome de Palacete do Coronel Rocha Lima. Após ser vendida em 1909, foi-lhe atribuída a função de sediar a Secretaria do Bispado e a Oficina do O Lidador, sendo tombada apenas em 1978 (IPHAN, 2010).

Os elementos da geodiversidade estão presentes principalmente na parede externa, utilizados na estrutura do muro de arrimo erguido acima do nível da rua, dando acesso às entradas principais da propriedade. Sua posição proporciona vista frontal para o Rio Vermelho e, ao seu lado, a Igreja de São Francisco de Paula (Figura 06).

Figura 06 – Rochas presentes na parte externa da Casa do Bispo - (a) visão lateral da área da Casa do Bispo e (b) quartzito presente no muro lateral da construção.



Fonte: Autores (2023).

Museu Casa de Cora Coralina

O Museu Casa de Cora foi a moradia da autora goiana Ana Lins dos Guimarães Peixoto, renomada por suas obras, entre as quais se destacam os poemas Conclusões de Aninha, Becos de Goiás e Cora Coralina, quem é você? O museu foi inaugurado em 20 de agosto de 1989, data comemorativa dos 100 anos de nascimento da poetisa. No entanto, a construção data do final do século XVIII e a casa foi assentada em alicerce de rochas para conter as águas do Rio Vermelho. O acervo é constituído de objetos pessoais, manuscritos, fotos, correspondências, utensílios domésticos, livros e móveis.

O piso interno de alguns cômodos da casa e do pátio é composto por placas de quartzito (Figura 07). Contudo, o registro de imagens é proibido dentro do espaço, mas é possível sua observação através do site oficial do museu a partir da visita virtual (www.museucoracoralina.com.br).

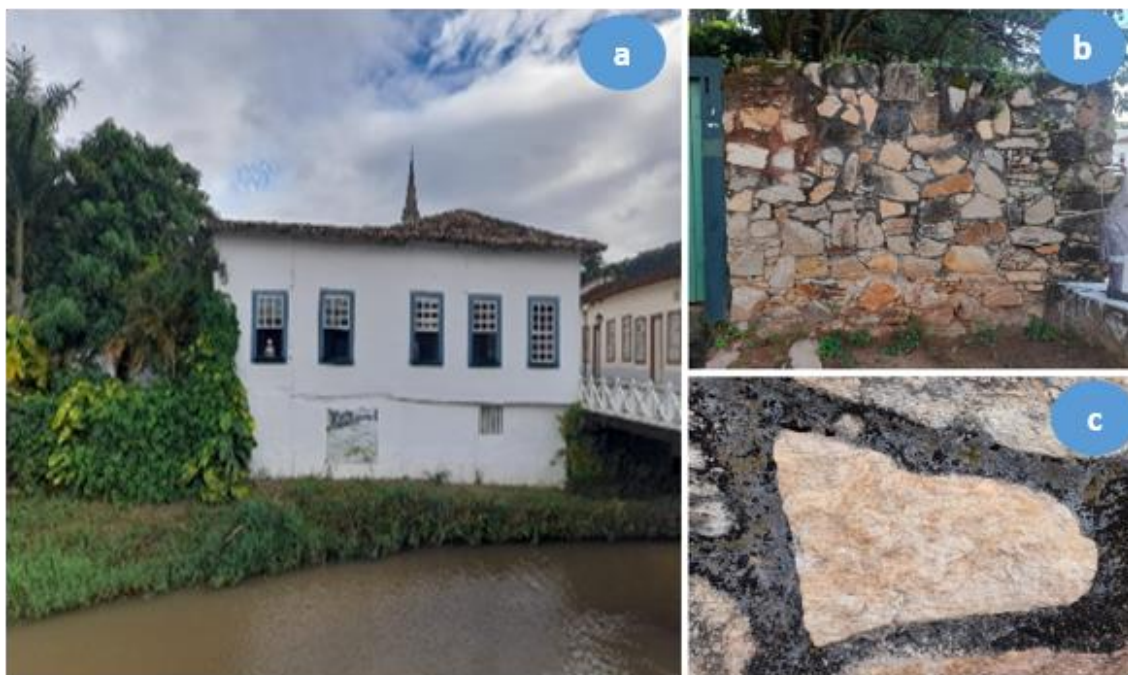
Figura 07 - Imagens da parte interna do Museu Cora Coralina - (a) calçamento do pátio interno e (b) calçamento do corredor.



Fonte: Museu Casa de Cora Coralina [s.d].

O muro que divide o terreno da casa e o rio também foi construído com rochas de quartzito, como já mencionado em outros monumentos, fazendo parte da maioria das construções da cidade (Figura 08).

Figura 08 – Museu Casa de Cora Coralina – (a) fotografia da Casa de Cora Coralina, (b) fotografia da parte exterior do muro do Museu Casa de Cora e (c) fotografia da rocha utilizada na construção do muro.



Fonte: Autores (2023).

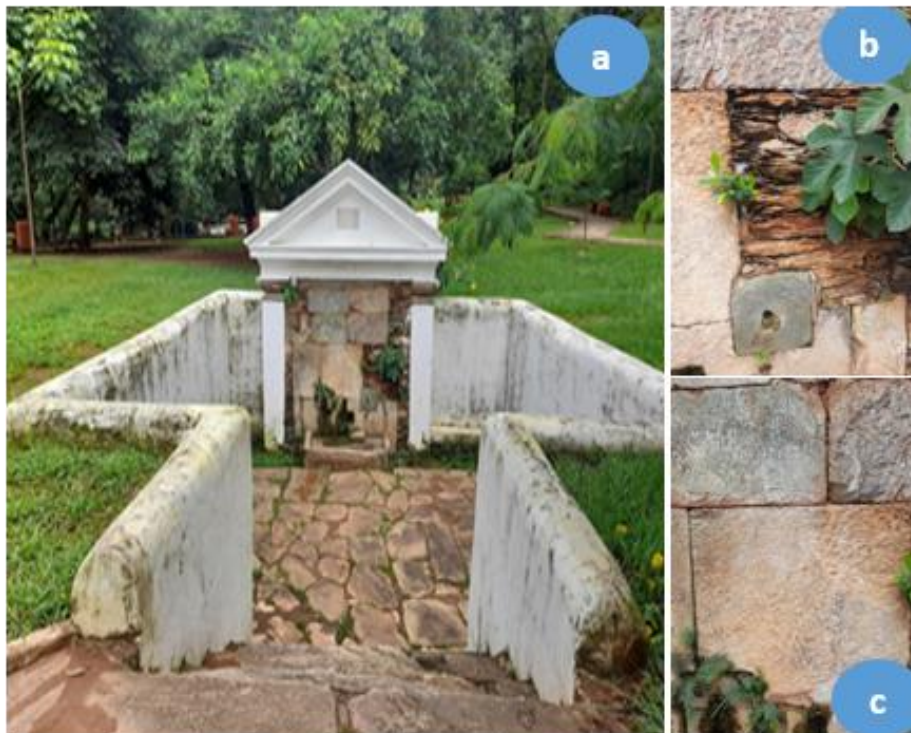
Largo da Carioca

O Chafariz do Largo da Carioca, ou Fonte da Carioca, localizado no Largo da Carioca, data de 1772 e foi o primeiro local de fornecimento de água. Após passar por procedimentos de restauração pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), a fonte manteve sua arquitetura original.

Diferentes rochas ocorrem em toda a extensão do largo. O memorial descritivo do IPHAN (2011) esclarece que na escadaria de acesso ao chafariz encontra-se o granito-gnaiss e no calçamento interno do chafariz, a pedra sabão (talco xisto). No entanto, é possível verificar a presença de quartzito e talco xisto próximo à bica do chafariz (Figura 09).

Ainda no Largo da Carioca, ocorrem afloramentos rochosos no leito do Rio Vermelho, representando a geodiversidade *in situ*. Observam-se quartzitos que gradam para quartzitos conglomeráticos com lentes de metaconglomerados pertencentes à Sequência Serra do Cantagalo (Figura 10).

Figura 09 - Largo da Carioca - (a) chafariz do Largo da Carioca; (b) pedra sabão usada na pica do chafariz e (c) quartzito usado no chafariz da carioca.



Fonte: Autores (2023).

Figura 10 - Afloramentos rochosos no leito do Rio Vermelho em diversos pontos no Largo da Carioca.



Fonte: Autores (2023).

Afloramento na estrada para o trevo do Largo da Carioca

Localizada ao norte da Praça das Bandeiras, a estrada para o trevo do Largo da Carioca segue o curso do Rio Vermelho; o ponto de interesse está entre as coordenadas -15.931146, -50.138474. Este geossítio é classificado como um geopatrimônio in situ, onde afloram xistos da Sequência Serra do Cantagalo (Figura 11).

Figura 11 - Afloramento de xistos da Sequência Serra do Cantagalo.



Fonte: Autores (2023).

Esse ponto não está associado a uma área de potencial valor cultural quando comparado aos demais locais, que são comumente visitados em atividades turísticas. Contudo, seu valor é científico, sendo importante para caracterizar a geologia local e a reconstituição da história geológica da área.

Catedral de Sant'Ana

A Catedral de Sant'Ana, construída em 1743, passou por restaurações entre 1996 e 1998, visando resguardar o patrimônio (Figura 12 (a)).

A primeira catedral da cidade possui o piso interior em ardósia (Figura 12 (b)), material rochoso extraído de outra região para substituir o antigo piso de madeira. O memorial descritivo realizado durante a obra de restauração indica também a presença de granito e calcário (Secretaria de Estado e Cultura, s.d.). Na parte externa da

catedral, identificam-se rochas graníticas e quartzíticas (Figura 12 (c)).

Figura 12 - Catedral de Sant’Ana (a) - (b) área interna em piso em ardósia e (c) visão lateral da Catedral de Sant’Ana rochas utilizadas na construção.



Fonte: Autores (2023).

Palácio Conde dos Arcos

O Palácio Conde dos Arcos (Figura 13 (a) e (b)) localiza-se na região central da Cidade de Goiás, onde anteriormente residia o governador do estado, e hoje funciona como museu.

De acordo com a Documentação de Restauro do IPHAN (2005), a demolição do calçamento ocorreu de modo a aproveitar 90% do material original. Quanto às exigências, destacaram-se as dimensões mínimas de 40 cm de largura e 7 cm de espessura, com lajes de pedras da região. As rochas indicadas para aplicação foram arenito, calcário e pedra sabão. Além disso, em documentos de restauro da mesma coleção do acervo do IPHAN, especificou-se a pedra sabão no lajeado da escadaria que, após a limpeza, recebeu em sua superfície a aplicação de resina diluída fosca (Figura 13 (c) e (d)).

No palácio, também é possível observar um elemento da geodiversidade in situ, representado pelo afloramento de xistos próximo à fonte do pátio interno (Figura 13 (b)).

Figura 13 - Palácio Conde dos Arcos - (a) vista frontal do Palácio Conde dos Arcos, (b) afloramento no pátio interno, (c) rochas utilizadas no pátio interno e (d) Detalhes da rocha utilizada no pátio interno.



Fonte: Autores (2023).

Chafariz da Praça da Matriz

O Chafariz da Praça da Matriz, construído em 1873 para abastecimento público, encontra-se desativado. Construído em formato circular, possui uma única estrutura de metal (Figura 14).

Figura 14 - Chafariz da Praça da Matriz.



Fonte: Autores (2023).

Embora seu principal material seja metal na parte externa da construção, o chafariz obtinha água por meio de encanação feita em pedra-sabão (Figura 15). De acordo com Pereira (2020, p. 90), em relatório apresentado à Assembleia Legislativa Provincial de Goyaz por Antero Cícero de Assis, em 1º de junho de 1873:

O Chafariz da Praça da Matriz, também chamado Chafariz da Praça do Palácio – cujo aparelho para repuxo teve seu encanamento feito de tubos de pedra-sabão em distância de 191,07 metros e 153 de encanamento livre – era abastecido pelas águas que escorriam do Chafariz da Boa Morte, situado um pouco acima. Assim, devido à força da descida a água chegaria ao chafariz com pressão para subir até as torneiras (Pereira, 2020, p. 90).

Figura 15 – Encanamentos (a / b) em pedra sabão utilizados nos chafarizes da cidade, em exposição no acervo do Museu das Bandeiras.



Fonte: Autores (2023).

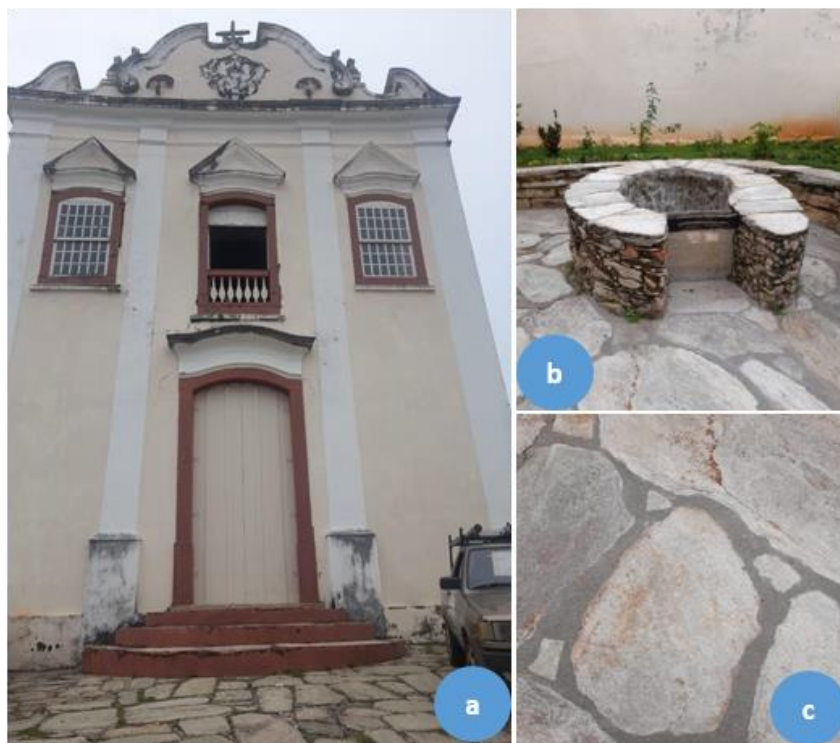
Igreja da Boa Morte

O edifício religioso, existente desde 1779, localiza-se nos domínios do Largo do Palácio. A arquitetura utilizada na construção “segue os padrões do barroco, embora sua parte externa e paredes sejam construídas em pedra, em seu interior foi aplicada madeira” (Museu de Arte Sacra, s.d.).

Tombado pelo IPHAN em 1951, atualmente funciona no local o Museu de Arte Sacra, que abriga itens relacionados à vida religiosa local. Seu acervo é constituído por mais de 900 peças, incluindo artes sacras, objetos religiosos, prataria e indumentária (Museus Ibram Goiás, s.d.).

Nos pátios internos e no entorno da igreja, bem como no poço posicionado à direita da entrada para o Museu de Arte Sacra, observa-se a presença de quartzito (Figura 16).

Figura 16 - Igreja da Boa Morte - (a) fachada da igreja, (b) poço presente no pátio da entrada principal e (c) detalhe da rocha utilizada no piso externo.



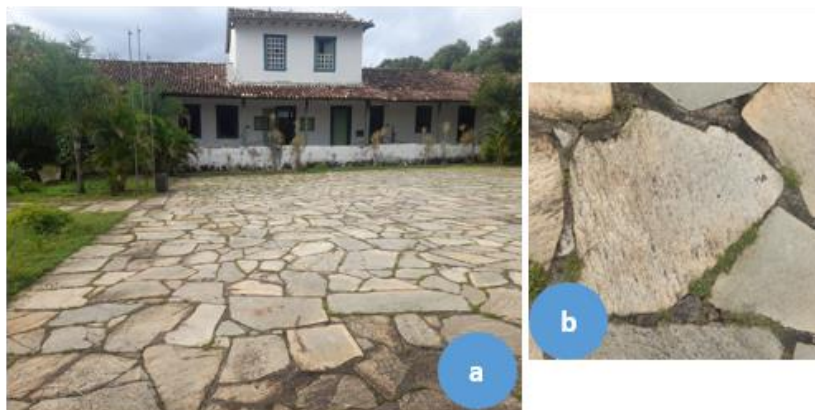
Fonte: Autores (2023).

Quartel do XX

O Quartel do XX (Quartel do 20º Batalhão de Infantaria) foi uma importante construção militar de 1740 e, posteriormente, sua estrutura foi utilizada para fins hospitalares. Também conhecido como Quartel dos Dragões, atualmente encontra-se em ótimas condições devido às reformas feitas em 2010, servindo hoje como sede do Instituto Federal de Goiás (IFG) (Gonzaga et al., 2017).

Observa-se a presença de rochas desde a entrada até o pátio interno e no poço existente no jardim. Variações de suas formas foram identificadas entre a sala de acesso principal e o calçamento do pátio; contudo, há maior predomínio do quartzito (Figura 17).

Figura 17 - Rocha utilizada no calçamento do pátio - (a) visão geral do pátio e (b) detalhe da rocha.



Fonte: Autores (2023).

Chafariz de Cauda da Boa Morte

O Chafariz de Cauda da Boa Morte faz parte do conjunto arquitetônico Largo do Chafariz, na Praça Brasil Caiado. No período de implementação do chafariz, em 1778, foram sanados graves problemas na distribuição de água da população que ali vivia, entre eles a necessidade de fornecer “água potável de boa qualidade, já que o seu lençol freático era de águas salobras, cujo consumo para beber era insuportável. A fonte que o abastecia vinha do Morro Chapéu de Padre e era de bom paladar” (Lima, 2008, p. 49). Além disso, ele foi fundamental para “dividir o fornecimento de água da cidade com o já existente Chafariz da Carioca, minimizando assim os problemas de abastecimento agravados na época pela seca que atingiu Goiás” (Moura, 2013, p. 295).

A principal rocha utilizada é a pedra sabão, pontuada nas três bicas centrais, emblema, placa de inauguração e no rodapé. Essa rocha era comumente escolhida para o entalhamento de placas e objetos devido à sua baixa dureza em comparação com outras rochas, o que facilita seu manuseio, e por sua presença na região, constituindo a seção basal do Greenstone Belt Serra de Santa Rita (Figura 18).

Figura 18 - Chafariz da Boa Morte - (a) visão frontal do chafariz e (b) vista das 3 bicas em pedra sabão presentes na frente da estrutura.



Fonte: Autores (2023).

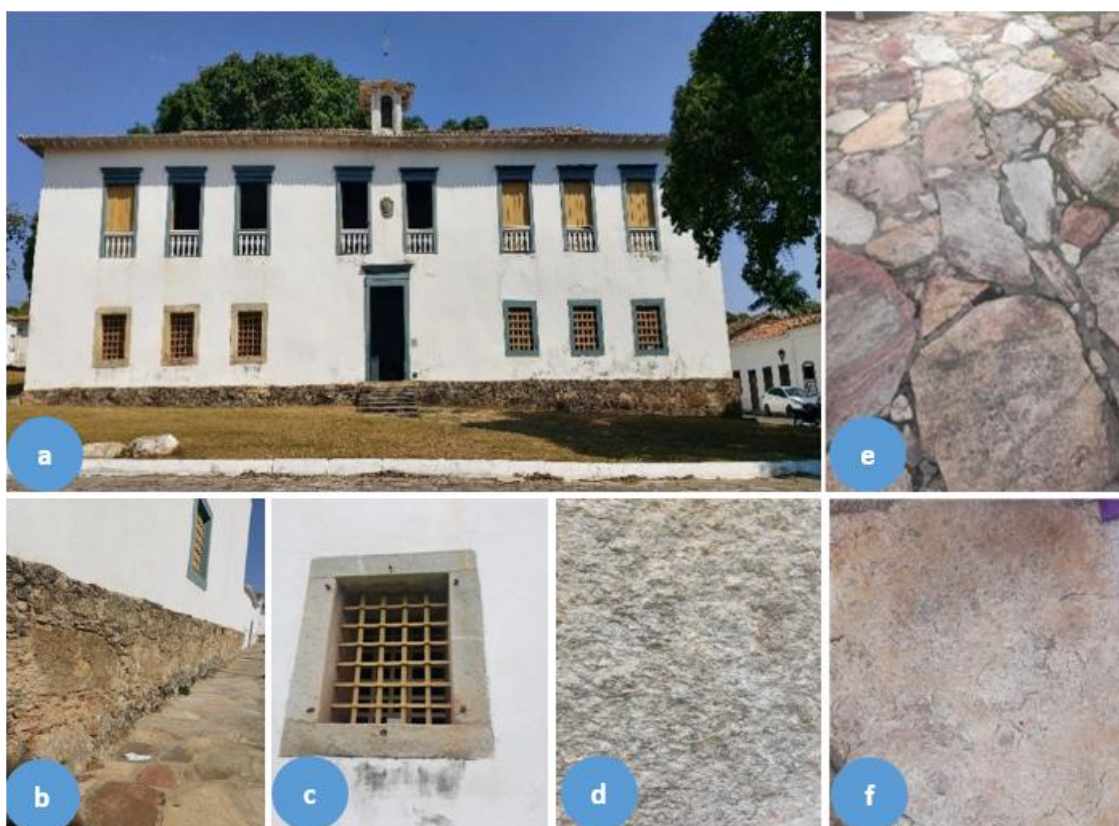
Museu das Bandeiras

O Museu das Bandeiras, como é atualmente conhecido, tornou-se museu com atividades voltadas para educação e cultura em 1950. Anteriormente, sua fundação sediava a cadeia no primeiro andar e a Casa de Câmara no segundo.

A documentação do IPHAN (2005) referente às obras de restauração pouco se aprofundou no tipo de rochas aplicadas, conferindo com maior cautela a necessidade de manter o padrão de rochas quando necessária a reposição de piso. Em complemento, em memorial posterior, confirmou-se o piso lajeado em pedra sabão na sala principal.

No museu, podem ser observados diversos elementos da geodiversidade. Como é comum nas construções dessa época, rochas são utilizadas na edificação da estrutura dos edifícios. No primeiro andar, observa-se a presença de pedra sabão na moldura de três janelas e, em seu interior, grades de metal. Internamente, esse local era destinado à prisão masculina. Na recepção, em duas salas do primeiro nível e no pátio interno, utilizou-se o quartzito (Figura 19).

Figura 19 - Museu das Bandeiras - (a) vista da fachada do museu, (b) detalhe da edificação do museu, c) vista do exterior das janelas do primeiro andar, (d) detalhe da rocha presente na moldura da janela, (e) quartzito utilizado no calçamento interno e (f) detalhe da rocha do calçamento do pátio interno.



Fonte: Autores (2023).

No acervo do museu, podem ser observados diversos objetos e utensílios usados no cotidiano da cidade de Villa Boa de Goyaz que remetem a algum elemento da geodiversidade. Muitos desses objetos foram esculpidos em pedra sabão e em calcário ou são utensílios utilizados na atividade de mineração (Figura 20).

Figura 20 - Objetos do acervo do Museu das Bandeiras - (a) Lápide sepulcral em calcário esculpida no século XVIII, (b) frontão em calcário róseo do século XVIII, (c) pia batismal em calcário róseo do século XVIII e (d) utensílios utilizados na ourivesaria.



Fonte: Autores (2022).

Roteiro geoturístico

As informações obtidas foram especializadas e inseridas em roteiro geoturístico (Figura 21). Por intermédio do aplicativo *wikiloc*, o percurso foi demarcado e os geossítios foram inseridos no roteiro. O percurso é considerado de nível fácil totalizando 2,63 km. Disponível para acesso por *QRcode*.

Figura 21 – Roteiro Geoturístico do Centro Histórico de Goiás – GO.

Centro Histórico da Cidade de Goiás

ROTEIRO GEOTURÍSTICO



Fonte: Autores (2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A implicação de grande parte do uso de rochas nas construções e materiais diversos do período se deu pela influência da mineração. Assim como a extração de ouro, que atingiu sua saturação no final do século XVIII (Costa, 2014). Na cidade, também havia mineração de arenito no Morro das Lajes, de onde provinha a maior parte do material usado nas calçadas e pátios da cidade (Tamazo, 2007; Lima, 2008).

Embora a Serra Dourada apresente afloramentos de quartzito, não há esclarecimentos sobre a extração para implementação em construções históricas abordadas neste estudo. Contudo, segundo documentação do IPHAN (1982), ocorria a compra de rochas provenientes da mineração do município de Pirenópolis - GO.

Por meio dessas informações, foi possível reunir dados sobre a motivação da construção dos monumentos e a escolha dos materiais empregados. Buscando ampliar a história local através deste estudo, espera-se impulsionar o geoturismo a partir do roteiro geoturístico do Centro Histórico da Cidade de Goiás, promovendo a conservação do geopatrimônio local.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, R. M. Com areia, também, se constrói patrimônio: o poder das imagens em Goiandira do Couto. **Revista Escritas**, Araguaína, v. 10, n. 1, p. 23-42. 2018. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/escritas/article/view/6039/14326>. Acesso em: 26 jul. 2023.
- BORBA, A. W. Geodiversidade e geopatrimônio como bases para estratégias de geoconservação: conceitos, abordagens, métodos de avaliação e aplicabilidade no contexto do Estado do Rio Grande do Sul. **Pesquisas em Geociências**, Porto Alegre, v. 38, n 1, p. 03-13, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/PesquisasemGeociencias/article/view/23832>. Acesso em: 17 jul. 2023.
- BRILHA, J. Inventory and quantitative assessment of geosite and geodiversity sites: a review. **Geoheritage**, n. 2, v. 8, p. 119-134. 2016. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s12371-014-0139-3>. Acesso em: 17 jul. 2023.
- BRILHA, J. **Patrimônio Geológico e Geoconservação: a conservação da natureza na sua vertente geológica**. Lisboa: Palimage Editores, 2005. Disponível em: http://www.dct.uminho.pt/docentes/pdfs/jb_livro.pdf. Acesso em: 08 ago. 2022.
- COSTA, M. M. **Avaliação do patrimônio natural do município de Goiás (GO) e sua potencialidade turística**. Goiânia. 2014. 84 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014. Disponível em:

<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/9f1a64d3-cd6d-4425-8b53-6419a3f50f34>. Acesso em: 08 ago. 2022.

DEL LAMA, E. A.; BACCI, D. L. C; GARCIA, M. G. M; DEHIRA, L. K. Urban geotourism and the old centre of São Paulo City, Brazil. **Geoheritage**, v. 7, p. 147-164. 2015. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s12371-014-0119-7>. Acesso em: 25 jul. 2023.

FERREIRA, T. H. M. Espaço cultural Goiandira do Couto. In: ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE LETRAS E ARTES, 5., 2011, Campos dos Goytacazes. p. 1-14. **Anais eletrônicos [...]**. Campos dos Goytacazes: UFRJ, 2011. Disponível em: <https://editoraessentia.iff.edu.br/index.php/enletrarte/article/view/2033/1189>. Acesso em: 25 jul. 2023.

GEOPARQUE QUARTA COLÔNIA. **O que são geossítios?** UNESCO/UFSM. [s.d.]. Disponível em: <https://www.geoparquequartacolonia.com.br/geossitios/o-que-sao-geossitios>. Acesso em: 17 jul. 2023.

GONZAGA, C. M. O. *et al.* Levantamento Histórico e Iconográfico para Análise de Patologias dos Edifícios Tombados da Cidade de Goiás, **Revista UniAraguaia**, v. 11, p. 46-58, 2017. Disponível em: <https://sipe.uniaraguaia.edu.br/index.php/REVISTAUNIARAGUAIA/article/view/499>. Acesso em: 06 mai. 2023.

GOVERNO DE GOIÁS. **Transferência da capital para a cidade de Goiás é cancelada**. Portal Goiás. 2020. Disponível em: <https://www.goias.gov.br/servico/97-pandemia/122469-transferencia-da-capital-para-a-cidade-de-goias-e-cancelada.html>. Acesso em: 25 jul. 2023.

GRAY, M. **Geodiversity: Valuing and Conserving Abiotic Nature**. Wiley Blackwell, Londres, 2013.

IPHAN - INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Caderno de encargos e especificações técnicas: restauração da fonte da carioca cidade de Goiás/GO**. Goiânia: IPHAN, 2011.

IPHAN - INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Casas do patrimônio**. Brasília: IPHAN, 2010.

IPHAN - INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Goiás (GO)**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/362/>. Acesso em: 30 dez. 2022.

IPHAN - INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Inventário dos projetos enviados à D.T.C.** Goiás: IPHAN, 1982.

IPHAN - INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Relatório**. Goiânia: IPHAN, 2005.

LICCARDO, A. *et al.* Geoturismo urbano – educação e cultura. **Anuário do Instituto de Geociências**, v. 4, n. 1-2, p. 133-141, 2012. Disponível

em: https://www.researchgate.net/publication/271189803_Geoturismo_Urbano_-_Educacao_e_Cultura. Acesso em: 15 jan. 2023.

LIMA, E. R. **Guia afetivo da cidade de Goiás**. 1ª ed. Brasília: IPHAN / 14ª Superintendência Regional, 2008. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/guiaafetivodacidadedegoias.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2023.

MOURA, N. M. **Chafariz da Boa Morte: Equipamentos e infraestrutura**. Cidade de Goiás: LabAm - Laboratório do Ambiente - UFG, [s.d.]. Disponível em: https://labam.dev/Goyaz%20Digital/redigita/chafariz_cauda/index.html. Acesso em: 15 jan. 2023.

MUSEU DE ARTE SACRA DA BOA MORTE. **Instituto Brasileiro de Museus: Museus Ibram Goiás**. Publicações. Plano Museológico. Goiás, GO. [s.d.]. Disponível em: <https://museusibramgoias.museus.gov.br/museus-ibram-em-goias/museu-de-arte-sacra-da-boa-morte/>. Acesso em: 23 mar. 2023.

NASCIMENTO, M. A. L., RUCHKYS, U. A., MANTESSO-NETO, V. Geoturismo: um novo segmento do turismo no Brasil. **Global Tourism**, v. 3, n. 2, p. 41-64, 2007. Disponível em: http://www.geoturismobrasil.com/artigos/Geoturismo_um%20novo%20segmento%20do%20turismo%20no%20Brasil.pdf. Acesso em: 29 ago. 2024.

PEREIRA, P. H. **Rios, cidades e chafarizes: o governo das águas em Goiás - das fontes públicas a rede subterrânea de abastecimento**. 2020. 156 f. Dissertação (Mestrado em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado). Programa de Pós-Graduação Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2020. Disponível em <https://bdtd.ueg.br/server/api/core/bitstreams/5166b254-9ab3-40cf-b1b5-4b5399096a0a/content>. Acesso em: 23 mar. 2023.

PINTO FILHO, R. **Inventário e avaliação da geodiversidade no município de Goiás e Parque Estadual da Serra Dourada**. 2014. 102 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tedeserver/api/core/bitstreams/7f928782-c98f-4b6e-94cd-d8e2b38cae62/content>. Acesso em: 23 mar. 2023.

SECRETARIA DE ESTADO E CULTURA. **Memorial descritivo Paróquia Catedral de Sant'Ana cidade de Goiás - GO**. Goiânia: SECULT, [s.d.]. Disponível em: <https://www.cultura.go.gov.br/files/A.7.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2022.

SILVA, B. R. V.; LIMA, I. M. M. F. Metodologias de avaliação do patrimônio geológico-geomorfológico em cenário nacional e internacional: levantamento preliminar. In: SINAGEO - Simpósio Nacional de Geomorfologia, 12, 2018, Crato. **Anais ... Crato: Sinageo**, 2018, p. 01 - 07. Disponível em: <https://www.sinageo.org.br/2018/trabalhos/5/5-314-1051.html>. Acesso em: 20 jul. 2022.

SILVA, R. G. P.; MANSUR, K. L.; CASTRO, A. R. S. F. Consolidação da geodiversidade como patrimônio e o valor geológico dos monumentos do Rio de Janeiro. **Anuário do Instituto de Geociências**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 3, p. 488-497, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/aigeo/article/view/36435>. Acesso em: 05 jul. 2022.

SOUZA, T. P. **Caracterização geológica do alvo aurífero garimpo, centro - norte do Greenstone Belt de Faina (GO)**. 2016. 92 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geologia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/ca5b7797-4402-483c-a462-dedcdb1f3440>. Acesso em: 03 ago. 2023.

TAMAZO, I. **Em nome do patrimônio: representações e apropriações da cultura na cidade de Goiás**. 2007. 787 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília. Brasília, 2007. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/1995>. Acesso em: 03 ago. 2023.

ZANATTO, V.; STEINKE, V. A.; VIEIRA, A. Impactos do geoturismo na caverna Terra Ronca, Goiás, Brasil. **Revista de Geografia e Ordenamento do Território (GOT)**, n. 16, p. 391-414, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/336006862_Impactos_do_geoturismo_na_caverna_Terra_Ronca_Goias_Brasil. Acesso em: 03 ago. 2023.

Contato dos autores/as:

Autora: Gleiciane Luiz de Oliveira
e-mail: gleicianaluiz@hotmail.com

Autora: Cláudia Valéria de Lima
e-mail: claudia@ufg.br

Autora: Andrea Maciel Lima
e-mail: andreamacielimaa@gmail.com

Autor: Vandervilson Alves Carneiro
e-mail: vandervilson.carneiro@ueg.br

Manuscrito aprovado para publicação em: 02/05/2026.